

Retrato falado de candidato

22 OUT 2000

eleição presidencial

JORNAL DO BRASIL

WILSON FIGUEIREDO

Em tempo: a porção clerical do PT tem legitimidade para lembrar ao seu candidato de plantão que “mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga”. A madrugada ainda não raiou e o andor presidencial começa a se mover rumo a 2002. Deve estar escrito (com a letra dele) em algum lugar que a quarta candidatura de Luís Inácio Lula da Silva acertará as contas, depois de três insucessos.

Lula declara que não precisa “ler pesquisa para saber se deve ou não ser candidato”. Não entende como uma pessoa “que não é deputado federal, não é senador, prefeito, governador (...) continua sendo individualmente o mais forte deste país”. Com lugar garantido na História do Brasil, que está longe de ser um clube fechado, e com “30% dos votos em qualquer circunstância”, Lula pode trabalhar com a cota mínima de intenções (alheias), além das 100% próprias.

O único brasileiro abastado de intenções de votos acordou com a certeza de que seu tradicional competidor Fernando Henrique pode não saber o que a vida lhe reserva para depois, mas está ciente de que, por enquanto, é o único cidadão com mais de 35 anos de idade impedido pela Constituição de se candidatar.

Lula deve ter passado por alto os olhos na situação nacional, pelo avesso do objetivo. Sobra paciência ao candidato mas tem faltado sorte (isto é, votos). E quanto ao eleitor? A rejeição faz a cabeça da classe média. Tão bem amparado, fica irresistível a quarta tentativa credenciada pelo segundo lugar três vezes consecutivas. Quem sabe?

Boa parte do PT pensa como Lula, isto é, não pensa (politicamente). Reverencia a fatalidade histórica como sacerdotisa das urnas. A candidatura pleonástica de Lula já se tornou peça indispensável à sucessão presidencial, que só começa quando

se materializa em ações. É com ela que os demais pretendentes contam para quebrar a casca dos ovos e liberar a ninhada.

Lula faz o papel principal na conversa fiada com os dois interlocutores disponíveis: Leonel Brizola e Itamar Franco, que não foram devidamente honrados por ele nas oportunidades anteriores. Mas estão para o que der e vier. Nacionalismo, estatização da economia, legislação do trabalho, responsabilidade social do Estado, empresas públicas – que a globalização reduziu a cacos – podem reuni-los a qualquer hora, dentro ou fora da sucessão. São calejados na vida pública e têm menos derrotas eleitorais. Brizola foi governador do Rio Grande e por duas vezes governou o Estado do Rio. E, enquanto podia, jamais recebeu de Lula o respeito pela condição de presidenciável da qual não se separa. Não teve mais que a preferência de inimigo principal.

Itamar também não obteve de Lula qualquer prova de consideração quando quis ser o candidato contra FH e contra o neoliberalismo. O presidente de honra do PT não lhe deu a mínima atenção. Tratou-o como carta fora do baralho. Itamar foi então se opor à reeleição em Minas e se deu bem. É assim mesmo a política.

O primeiro passo de Lula rumo a 2002 é maior do que as pernas. Brizola e Itamar não disfarçam atrás de candidaturas para negociar mercadoria sem garantia de entrega. A candidatura de Lula por enquanto é hipótese. Ele só pensa na primeira pessoa do singular, é sempre o primeiro a apresentar-se e será o último a reconhecer que três derrotas não garantem a vitória na quarta tentativa. Como administrar ambições sem se contaminar e chegar ao candidato único pela esquerda?

Várias vezes Lula defendeu que a vantagem do primeiro turno é destacar o candidato preferencial da esquerda. Cada tendência concorre com um no-

me próprio e o mais bem aquinhoado de votos – e não só de intenções – está automaticamente escolhido. Elegê-lo é conversa para o segundo turno. Aconteceu com ele – a primeira vez – e toda a variedade de esquerda votou nele. Mas não foi suficiente.

Nas duas eleições presidenciais seguintes Lula ficou sem condições logo no primeiro turno. Fernando Henrique papou de saída as duas eleições por maioria absoluta. Não houve segundo turno. Logo, o método não é infalível. Ficou difícil sustentar a defesa da seleção natural dos candidatos de esquerda no primeiro turno para fazer a união no segundo, reservado para troca de acusações, confissões e atos de penitência.

As lições estão aí mesmo – e não nas pesquisas que incensam o ex-operário (faz tanto tempo) mas escondem a rejeição, tão alta para ninguém botar defeito. Tão contundente quanto o percentual a favor. Nem se ouve falar de rejeição que, como dívida bancária, cresce por si mesma. A primeira etapa de Lula, na pesquisa do candidato para a esquerda, teria de firmar acordo de intenções em torno da candidatura que arremataria a missão. Não se trata de candidato de esquerda, mas de candidatura pela esquerda. O indicado não precisa ser de esquerda, desde que avalizado pelos afluentes dessa margem. Séria a vez de alguém que, pelo menos, não dividisse uma esquerda que (como todas as outras, mundo afora) mantém a tradição de se dividir como as cobras, cujos pedaços continuam a se mover.

Não é fácil fazer a decantação de idéias, ressentimentos, equívocos e possibilidades para definir uma candidatura viável à esquerda, esboçar o perfil sem criar incompatibilidades. A esquerda merece um candidato sem rosto, procurado por intermédio de retrato falado com fisionomia própria para não se parecer com nenhum dos negociadores.